

Autora: Clara Cecília Bento Hergesel 9 ano A SESI-SP 123 Sorocaba.

## ***SELIBI 2024- Releitura do livro “O Pássaro Encantado” de Eliane Potiguara.***

### ***Lembranças de esperança.***

Há muito que as crianças não riam como antigamente, penduravam-se eufóricas, nas majestosas árvores milenares do litoral, ou lançavam suas petecas entre as raízes das mesmas, que ecoavam sussurros inócuos, lembranças de outrora. Em sua lastimosa solidão, eram apenas inocentes vítimas da infelicidade que assolava a aldeia naqueles tempos.

Os Potiguara revelavam-se aflitos diante dos agravados atuais acontecimentos, em meio às ameaças de usineiros e latifundiários, que, armados ansiavam em obter o território das tribos, em busca de salientar seus ganhos, cegos por sua ambição, em uma faca de dois gumes.

A grande avó também evidenciava sua apreensão quanto a fauna e flora, não mais com folhas vívidas e os cantos majestosos dos pássaros, a floresta agora havia se calado, as flores feneceram e as estrelas pararam de brilhar, abandonando a lua, que desnorteada persistia no ermo céu noturno, a dançar.

Mas Jaci, uma jovem esperançosa, continuava a brilhar, assim como a lua, sem deixar-se abalar pelos infortúnios. A garota apreciava as lendas de sua cultura e passava tempos relembando contos da grande avó, ouvi-los era a única forma de acalmá-la quando pequena.

Certa tarde, enquanto observava os peixes sonhadores, nadando nas águas cristalinas da “Lagoa encantada” (Denominada assim pelos anciões da tribo.) A jovem recordou de lembranças que estavam há muito, presas em seu inconsciente desde a infância. Nela a grande avó reunia crianças animadas para lhes narrar um conto, era esse sobre o lendário pássaro encantado, aquele que como o **Anhangá**, guardava solenemente cada confim da floresta. Dessa forma, Jaci soube imediatamente o que precisava fazer, sua intuição dizia que memórias ressuscitadas repentinamente não eram um acaso na eternidade, mas sim, obra do destino.

Chegou imediata, adentrando-se na grande **maloca** em que acontecia uma importante reunião e em tom iminente chamava pela anciã mais respeitada da tribo, aquela que detém todo o conhecimento e cultura de um povo em seu âmago. Onde estaria a grande avó neste momento? Um senhor inferiu para Jaci que a querida anciã provavelmente encontrava-se em algum local sereno, pois precisava refletir. A garota então vasculhou toda a aldeia até finalmente avistar uma idosa bem acomodada,

sentada em uma rocha, fazendo parecer o lugar mais confortável do mundo, enquanto alimentava-se de uma **mangaba** que colheu no mesmo local.

A grande avó, virada de costas para Jaci, com o olhar ao horizonte, proferiu lentamente as palavras:

-O que lhe traz ao meu encontro, jovem?

Jaci surpresa, mas não menos inquieta, questionou com urgência:

-É a floresta, a senhora percebeu que ela está doente, não? O que está acontecendo?

Então a anciã já compreendendo tudo, prosseguiu:

-Vejo que está tão preocupada quanto eu, minha querida. É impossível não reparar no estado da vegetação milenar que nos envolve, e lhe-digo que isso não está acontecendo apenas em nossa **Tekoha**, mas sim em toda **Pindorama**, pois as florestas são como uma só, conectadas por micélio, nela tudo veem e unidas em seu cerne, tudo protegem. um grande conjunto da flora funciona como um vasto e único órgão vital da natureza, se uma encontra-se em perigo, todas as outras florestas entram em desequilíbrio, rompendo o fio tênue da estabilidade, e em lamentações à suas irmãs, se calam em luto. - Depois de um breve silêncio, a avó retornou a fala, seu semblante revelando tristeza- Suponho que essa seja a terrível consequência do desmatamento de diversos biomas em todo o país, agravado nos últimos anos. As ações antrópicas vêm ignorando a ciência, visando apenas o lucro, contudo, o ecossistema sente, a floresta resiste, e a natureza reage.

Jaci sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Ela sabia que precisava fazer algo, então suplicou com olhar determinado, que a grande avó, ao percebê-los, sorriu levemente.

- A senhora sempre diz para que eu siga minha intuição, o meu coração, e eu sinto que o Pássaro Mágico, o grande **anhangá** das antigas lendas que você tanto encena para as crianças em volta da fogueira é a chave para tudo, lembro-me vividamente de quando ouvi esse conto, pois dele nunca esqueci, talvez isso não seja um acaso da incólume eternidade, mas sim um destino, o meu destino. - A garota enfim termina de expressar as palavras que há tanto ansiava em aliviar, esperando uma resposta da mais velha, que parecia desfrutar da brisa revigorante, escolhendo delicadamente uma resolução sábia.

- Essa é uma lenda arcaica, são poucos os que foram lisonjeados com a presença do Pássaro Encantado, todavia, caso realmente o encontre, todo o ramo do futuro poderá mudar para melhor, levando felicidade para a tribo e vida para as florestas novamente. Dizem que ele possui o poder de restaurar o equilíbrio natural. Talvez seja a hora de você, Jaci, a escolhida, buscar por ele, e assim levar os risos de volta às nossas infelizes crianças.

A jovem ficou extremamente agradecida pela compreensão da grande avó, pois acreditou que não seria levada a sério, ou até se tornar motivo de piada por conta de seu desejo tão ousado e repentino, mas já era do conhecimento da antiga senhora que Jaci, cedo ou tarde, estava destinada a desempenhar um papel influente em relação aos espíritos da floresta, seu caminho era incerto, coberto de névoa, contudo, a intenção tão pura quanto o orvalho da manhã.

Ambas então deslocavam-se de local, caminhando serenas e em silêncio, com o coaxar dos sapos remanescentes sendo a única sinfonia que às envolvia. Quando, na zona mais remota da **taba**, a grande avó cessou o passo, e cortando o silêncio, sibilou:

- Receio que terei de deixá-la aqui, Jaci, lembre-se que a esperança pode ser encontrada até mesmo nos momentos mais lúgubres, se você se lembrar de observar as sonhadoras estrelas nos céus celestiais. Creio que seu sucesso é proeminente, se assim **Tupã** desejar.

A garota não pensava que devia partir tão cedo, e nem pretendia, ela ainda tinha tantos questionamentos a fazer, tantas respostas a receber! Por conta disso, começou a seguir a anciã, que se afastava a passos largos dela, cantarolando uma melodia estranhamente familiar aos ouvidos de Jaci.

- Avó! Espere! Onde posso encontrar o Pássaro Encantado?

A avó entregou um apito de bambu para Jaci, e continuou a cantarolar, eufórica, sem dar ouvidos as perguntas desesperadas da jovem.

- O que devo levar nessa jornada?

- Nada além de si mesma.

- Mas e se... Grande avó?

Foi necessário Jaci perder a atenção por um mísero instante para que a grande avó desaparecesse entre a alta relva abundante do local, deixando-a sozinha, com um pequeno apito e vários outros pensamentos que ameaçavam sufocá-la.

A garota então partiu sozinha, possuía uma cicatriz incurável em seu ser, era órfã, perdeu seus pais que lutaram bravamente contra uma ofensiva de invasores latifundiários a uma aldeia Potiguara, sendo assim, não se preocupou em avisar ninguém senão os vagalumes, que despertavam ao próspero anoitecer, subindo ao céu noturno para substituir as estrelas desaparecidas desde aquele insólito acontecimento. O enxame crescia cada vez mais, formando um caminho etéreo de luzes sublimes, capazes de iluminar até mesmo os confins mais esquecidos daquela terra. Jaci sentiu que os brilhantes insetos desejavam que ela os seguisse, e assim o fez, caminhando sob luzes esperançosas, da forma como a sábia avó previu.

Durante a longa caminhada Jaci seguia sem rumo definido, confiando sua vida aos vagalumes que percorriam à sentido leste. Surpresa com a ação dos insetos, supôs que os mesmos estavam inquietos diante da situação tanto quanto ela, afinal, também fariam o que fosse necessário para restaurar seu antigo lar. Seus pés chegaram a afundar na areia e seus ouvidos conseguiam ouvir ondas ferozes a rugirem ao mar, foi quando, com o vento uivante, o enxame dispersou-se, deixando-a em sua solidude.

A jovem concluiu que deveria enfim utilizar o apito de bambu que a grande avó lhe entregou, que se não fossem as circunstâncias do breu noturno, teria reparado no quão repleto de detalhes ele era. Ajustou os lábios em frente a embocadura, fazendo uma grande força para assoprá-lo, e assim o som saiu, um ruído inigualável a qualquer outro já ouvido no reino dos mortais, e em resposta, Jaci pôde ouvir em eminência um canto tão belo quanto os lírios que balançam aos campos pela madrugada, era sublime, em sua melhor versão, inefável, mas, acima de tudo... Familiar! Tudo enfim fez sentido para Jaci, em epifania, percebendo que a cantoria da anciã julgada por ela como irresoluta, era na realidade, mais uma peça do quebra-cabeça.

Seguiu a melodia o mais rápido que conseguia, podia jurar de já tê-la ouvido, saída de memórias distantes. Em certo ponto, percebeu vozes de alguns homens, e avistou pegadas na areia, que confusas, representavam sinais de possíveis lutas. Percebendo aproximação das vozes, se escondeu atrás de uma imponente rocha, esgueirando-se para observar: lá estava o Pássaro Encantado! Sendo capturado por caçadores funestos. Jaci não tinha nada para enfrentá-los, então decidiu, resoluta, que iria apenas distrai-los, dando abertura para que o Pássaro fugisse.

Em intrepidez inabalável, a jovem lançou uma concha pontuda em um dos três caçadores, que assustado, vasculhou com o olhar em busca do que o atingiu, Jaci então, rapidamente repetiu sua ação, dessa vez acertando os outros dois homens, que incrédulos assim como o primeiro, foram em busca da fonte. A garota rolou furtivamente até o Pássaro Encantado, que com habilidade, desfez todos os nós que o prendiam, e depois fez uma reverência dirigindo-se a ele com brandura. O Pássaro gigante retribuiu, abaixando-se para que Jaci pudesse montar nele, que assim o fez, e juntos, tiveram sua fuga na calada da noite.

Jaci estava estupefata por poder estar na presença de tal divindade, com penas d'ouro e aura ancestral, ela sentiu ter se conectado instantaneamente ao Pássaro, o mesmo havia compreendido o motivo da presença dela sem que a garota dissesse uma mísera palavra. Sobrevoavam a linha que dividia a terra da areia, podendo-se ver o escuro mar de uma madrugada lastimosamente calma. Seguiam em curso Oeste, que Jaci percebeu ser o caminho para a aldeia, algo lhe dizia que os Potiguara não estavam seguros, uma impressão que compartilhava com o Pássaro Encantado.

Avistaram de longe a comunidade indígena, sendo atacada pelos usineiros, que incendiavam algumas árvores próximas das habitações, gritos e pessoas correndo compunham o cenário caótico daquela madrugada, os olhos do Pássaro Encantado tornaram-se brancos reluzente ao avistar o sofrimento, era seu dever como **Anhangá** manter o equilíbrio, e assim o faria de uma vez só.

Batendo as asas com a força de um tufão ele derrubou todos os homens vis, que ajoelhados, rezavam súplicas para que fossem poupados, O Pássaro encantado reluzia a luz do luar, sua fúria havia sido mitigada, e utilizando poderes telepáticos, mostrou a todos os humanos que haviam colaborado no desmatamento de biomas como a mata atlântica, cerrado, Pantanal e Amazônia, cenas aterrorizantes do mais possível futuro já próximo se a humanidade continuasse seguindo o caminho de autodestruição. Imagens tão convincentes que faria com que todos repensassem suas ações, até mesmo os que não estavam presentes no momento. A única forma de realmente salvar as florestas era com a sabedoria, o Pássaro sabia que a cura não viria a partir de um milagre vindo dos céus, mas sim da consciência de cada um, com o despertar de cada alma, com a coexistência junto a grande natureza, que com amor cuida de cada espécie assim como a mãe cuida da filha e a filha depois cuidara da mãe.

Todos os presentes reverenciaram o Pássaro Encantado, que despertou lágrimas de emoção nos mais sensíveis. Ele abriu asas sobre o fogo, e transformou suas penas que caíam em gotas d'água, que quando em queda, desciam, curavam a terra, dispersando as chamas. Enfim soltou Jaci, observando-a em gratidão por uma última vez e então foi-se a voar no alvorecer da aurora, ressuscitando toda a natureza por onde passava. A grande avó sorriu orgulhosa para Jaci, e a puxou para um caloroso abraço.

Ao passar dos meses, as notícias foram se tornando cada vez mais otimistas quanto as causas ambientais, a mídia investigava rumores do que havia acontecido e todo jornalista produzia manchetes como “atividades ilegais em florestas se tornam 0% Veja o que ocorreu” ou “cada vez mais áreas de reflorestamento estão sendo criadas, teríamos nós finalmente evoluído?” Jaci sabia o que correra, e mal conseguia acreditar, a humanidade havia finalmente florescido, abandonando seu estado de ignorância.

A jovem na qual ninguém acreditava no início tornou-se a grande heroína da tribo, dessa forma, foi organizado um festival **toré** em sua homenagem, os pássaros participavam das comemorações, as flores, vividas dançavam todas as músicas e as crianças, felizes, riam como nunca antes, transcendendo a paz de belos dias de verão.

**Glossário:**

Anhangá- o Anhangá é um espírito protetor da natureza, que desempenha um papel crucial na preservação das florestas e dos animais.

Maloca- As malocas são grandes construções que ficam no centro de uma aldeia, servem como uma habitação coletiva e um centro de atividades sociais e culturais.

Mangaba- A mangaba é uma fruta do serrado com uma polpa branca e sabor suave, doce e levemente ácido.

Pindorama- é uma designação para o local dos povos tupis-guaranis, atual região oriental da América do Sul.

Taba- palavra "taba" tem origem indígena e é utilizada para se referir a uma aldeia ou comunidade indígena. No contexto histórico, as tabas eram o local onde os indígenas viviam e desenvolviam suas atividades cotidianas.

Tekoha- Lugar onde se desenvolve o modo de vida de uma comunidade.

Toré- Um ritual tradicional de manifestação cultural que envolve dança, música, religiosidade e brincadeira.

Tupã- Uma divindade da mitologia Tupi conhecido como deus do trovão, considerado o criador do mundo.

Por Clara Cecília Bento Hergesel.



